

INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO E HISTÓRIA

Os almanaques, os livros do povo, os livros da revolução: entre sensibilidades, visões de mundo e práticas modernas de leitura (Campinas, SP, final do século XIX e início do século XX)

Maria Carolina Bovério Galzerani¹

RESUMO: O tema desta pesquisa são os almanaques otocentistas do início do século XX, da cidade de Campinas, focalizados como tecidos discursivos historicamente localizados, produtos de um dado olhar sobre a cidade moderna e, ao mesmo tempo, como instituintes das visões de mundo, das sensibilidades, das práticas de leitura modernas. O termo “modernidade” é utilizado como sinônimo de progresso, civilização, republicanismo, e, portanto, concebido no interior dos campos liberais, positivistas e românticos, articulados ao avanço do sistema capitalista no país. “Modemidade” (Walter Benjamin) engendrando “fantasmagorias” ou “casas de sonhos”, sujeitas à temporalidade do mito, de representações apaziguadas do social e cristalizadas no “sempre igual”. “Modernidade” (Peter Gay) como “educação política dos sentidos”. Ao mesmo tempo, tal pesquisa permite uma incursão, uma leitura “a contrapelo” (Walter Benjamin), por “outras” sensibilidades (inclusive humorísticas), “outras” leituras, inscritas nestes anuários campineiros. Isto é, possibilita uma viagem por visões de mundo “outras”, de “outras” figuras sociais (sob a ótica da burguesia), tais como mulheres – “comuns” ou da elite –, republicanos não filiados ao Partido Republicano Paulista e/ou não articulados às classes dominantes. São visões e práticas com forte teor emancipatório, contraditoriamente inseridas no bojo das tendências narrativas dominantes. Foram analisados os seguintes documentos: almanaques, relatos de viajantes, de memorialistas, romances, jornais, iconografias, atas da Câmara - tanto nacionais, como europeus, do final do século XIX e do início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Almanaques; Campinas, SP - 1870-1910; Modernidade; Cidade; Leitura - prática; Visão de mundo.

¹ Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do Grupo de Pesquisa “Memória, História e Educação”, F.E./UNICAMP. E-mail: boverio@unicamp.br

ABSTRACT: The theme of this research is the abstracts from the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, from the city of Campinas, they are a product of a more modern view of the city, and at the same time, a view of the world, of its sensibilities and of the modern reading practices. The word modernity is used as a synonym of progress, civilization, republicanism, and, therefore, conceived in the interior of the liberal, positivistic and romantic fields, articulated to the expansion of the capitalism system in the Country. Modernity (Benjamin) engendering phantasmagorias or dream house, subjected to the myth of temporality, of pacified and crystallized representations of the social in the "always the same". Modernity (Peter Gay) as political feeling education. Meanwhile, this study allows us an incursion, a reading "a contrapelo" (Benjamin), by others sensibilities inclusive humoristic), others readings, included in these annual books from Campinas. That is, it is possible to understand the others views of the world, of others social characters (under the bourgeoisie's conception, such as women – ordinary ones or from the upper class – republicans that are not affiliated to the Partido Republicano Paulista and/or not articulated to the aristocracy. They are views and practices with a high degree of emancipation, contrary included in the peak of the dominant narrative tendencies. Some documents were analyzed: almanacs, traveling and memoirist reports, novels, newspapers, iconographies, Municipal Council's minute – as well as national as Europeans, from the end of the 19th century and the beginning of the 20th century.)

KEY-WORDS: Almanacs – Campinas, SP - 1870-1910; Modernity; City; Reading – Practice; View of the World.

Pode-se hoje em dia prescindir da monarquia, das etiquetas atoleimadas, da igreja, da confissão, da cartilha do padre Ignacio, mas nunca se poderá prescindir do almanach. Elle é ao mesmo tempo philosopho, geographo, astronomico, litterato, poeta, noticiarista, carpideira e jogral, tudo isto pela modica quantia de 2\$000! (Ferreira, 1879).

O tema e as fontes

Trata-se de incursão sobre os primeiros almaniques produzidos na cidade de Campinas, “a capital agrícola” da província (e, posteriormente, do estado) de São Paulo, Brasil, no final do século XIX e início do século XX, quando do engendramento da propaganda republicana e da instalação dos primeiros anos da chamada República Velha, particularmente nesta localidade. Os “livros do povo”, os “livros da revolução” – parafraseando o jornalista fluminense Salvador de Mendonça, em artigo publicado originalmente no “Correio Nacional”, e reproduzido na “Gazeta de Campinas” em 1870 – são aqui focalizados em sua íntima articulação com o avanço da modernidade no país.

Esta pesquisa² tem como principal objetivo, portanto, focalizar os almaniques campineiros, publicados nos oitocentos e no início dos novecentos (mais especificamente, da década de 1870 à de 1910), como “documentos / monumentos” (Le Goff, 1984). Ou, ainda, tais publicações são enfocadas

² Esta pesquisa corresponde ao avanço de uma anterior, intitulada “O almanach, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e de 1888”, defendida no Departamento de História, IFCH, UNICAMP, em nível de Doutorado. A atual pesquisa foi apresentada com o título “Escola, modernidade, republicanismo: os almaniques brasileiros, os livros do povo, os livros da revolução” - de forma oral (no dia 17/07) e de forma escrita, através de um resumo (nos Anais do Congresso, p.243-244) – no XXV International Standing Conference for the History of Education, ocorrido em São Paulo, em julho de 2003.

como tecidos discursivos historicamente localizados, produtos de um dado olhar sobre as experiências sócio-culturais e, ao mesmo tempo, como dimensões instituintes do social, sobretudo, no que respeita às sensibilidades, às visões de mundo modernas (Benjamin, 1986, 1988, 1989; Gay, 1988; Berman, 1986; Bresciani, 1985; Foucault, 1986; Bérgson, 1978; Saliba, 1993, 1998) e, especificamente, às práticas de leitura (Darnton, 1990; Chartier, 1985; Certeau, 1994; Shapochnik, 1994).

Na tentativa de articular dinamicamente texto (isto é, os almaniques campineiros) e contexto histórico, utilizei outros documentos históricos: anuários brasileiros, europeus, jornais campineiros, da província ou do estado de São Paulo, da cidade do Rio de Janeiro, relatos de viajantes estrangeiros, de memorialistas, atas da Câmara da cidade de Campinas, romances (campineiros, nacionais, europeus), dicionários, além de produções iconográficas, do final do século XIX e do início do século XX.

O almanaque, a locomotiva da cidade moderna

Houve um tempo (década de 1880, ano de 1886), em que a venda dos almaniques campineiros era superior à tiragem dos livros de Machado de Assis, tamanho era o interesse e a curiosidade que despertavam junto ao público leitor da época. No “Diário de Campinas”, na seção de variedades, em dezembro de 1875, é registrada a seguinte anedota:

DESEJO DE CASADOS

— Comes com os livros, dormes com os livros e hás de morrer com os livros, dizia uma senhora a seu marido. Se eu conseguisse ser livro, continuou ella, havias de ter-me sempre a teu lado.

— Approvo, respondeu elle, e acceito a transformação; mas é indispensável que te transformes em almanach, porque é livro que compro todos os annos.

Neste registro cômico, para além da visão descartável de esposa aí cunhada, é possível, igualmente, captar-se a presença marcante dos almaniques nas práticas de leitura existentes na cidade de Campinas, na década de 1870. Justamente por tal sucesso, os almaniques campineiros durante sua existência, desempenham papel fundamental na divulgação dos ideais modernos. Aliás, uma das imagens mais recorrentes, ao longo destas publicações anuais campineiras do final do oitocentos é a do “almanach, como a locomotiva da leitura moderna” – representação tecida por Carlos Ferreira, poeta, dramaturgo, jornalista riograndense, radicado em Campinas, a partir de 1876, e registrada no “Almanach popular de Campinas para o anno de 1879”.

O almanaque é, neste caso, visualizado como artefato textual capaz de impulsionar a cidade para as luzes, a felicidade, a prosperidade econômica, a igualdade, a liberdade. Nesta imagem está igualmente implícita a paixão pela máquina, a obsessão ferroviária (emblema maior da própria modernidade), além da noção de velocidade, acoplada à idéia de vertigem, de ansiedade, de aturdimento face às novidades.

O termo modernidade, nestas tessituras discursivas é colocado em ação como sinônimo de progresso, civilização, ou republicanismo e, portanto, concebido no interior dos campos liberais, positivistas e/ou românticos, articulado ao avanço do sistema capitalista no país (Bresciani, 1985). Modernidade (Benjamin, 1986) engendrando “fantasmagorias” ou “casas de sonho”, sujeitas à temporalidade do mito, de representações apaziguadas da “realidade” social e cristalizadas no “sempre igual”. Modernidade como “educação política dos sentidos” (Gay, 1988), fundada na concepção da verdade absoluta, no privilégio da razão instrumental, na valorização de dimensão do trabalho (trabalho livre/imigrante estrangeiro), na construção do sentimento de identidade, onde o “outro” (o diferente, sob a ótica das classes burguesas) é excluído, na visão de tempo linear, progressista, unidimensional, fragmentado, destituído de conflitos sociais, – dentre outras marcas específicas desta “floresta” de símbolos.

Aliás, é esta acepção de almanaque que está presente na voz de literatos como Eça de Queirós (1896), o qual a focaliza como a possibilidade de transformar a horda em sociedade, o trambolho em cidadão! (Galvão; Prado Jr., 1977, p.69). Para Machado de Assis (1890), por sua vez, o almanaque é produto da paixão do velho “tempo” – com “barbas brancas” e “coração novo” – pela menina de quinze anos, Esperança – “bela como a tarde, risonha como a manhã, sossegada como a noite”. Da recusa desta jovem em aceitar o seu amor, veio-lhe a idéia (ao tempo) de elaborar o primeiro almanaque. Seria uma forma de marcar visualmente a passagem do tempo, para que a sua amada visse palpavelmente ir-se-lhe a mocidade. Compôs então, um simples livro, rico, sem margens, sem nada. Tão somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Lançou-o como “geada de nova espécie” à terra, e toda a gente começou a consultá-lo porque “trazia a língua das cidades e dos campos em que caía”. A aceitação da mão do tempo por Esperança ocorreu somente quando esta se deparou com 35 anos – ou seja, “quando a sua cabeça transformou-se num pico de neve, a cara um mapa de linhas” (sic). Esperança passou a colaborar nos almanaque, atando uma fita verde a cada volume:

Então a tristeza dos almanaque era assim alegrada por ele, e nunca o tempo devorou uma semana que a esposa não pusesse um mistério na semana seguinte [...]. Passaram-se os annos e choviam os almanaque, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaque. O tempo os imprime. Esperança os brocha: é toda a oficina da vida. (Almanach, 1890, apud Beltrão, 1971, p.89).

Deparamo-nos, pois, nesta construção, com uma acepção de almanaque intimamente articulada à modernidade, enquanto criador de mitos, isto é, de representações da “realidade” apaziguadas, por um lado, mas vibrantes, por outro. E ao utilizar a expressão “é toda a oficina da vida”, Machado de Assis abre uma possibilidade de leitura dos almanaque, neste momento, não somente como idealização ou fuga do social, mas como prática assentada no próprio cotidiano das pessoas, e, portanto, como capaz de nele introduzir dimensões inusitadas, tais como a própria esperança!

Os autores/editores – “maîtres de plaisir” (numa acepção de Walter Benjamin)³ – dos almanaque campineiros, situados em lugares sociais dispare, são os jornalistas republicanos José Maria Lisboa, Campos Salles, Francisco Glycerio, Francisco Quirino dos Santos, Carlos Ferreira, Hypolito da Silva, Henrique de Barcellos, José Gonçalves Pinheiro, Leopoldo Amaral e Benedito Octávio. Inspirados na experiência de construção do republicanismo francês (nas décadas de 1840 e 1850), o qual consolidou-se também via almanaque, captaram a potencialidade destes periódicos com suas “tentadoras simplificações” (Gay, 1988), e entenderam que podiam transformá-los em veículos de divulgação de suas concepções. Alguns – os chamados “gazeteiros”, isto é, como eram conhecidos, sobretudo nas décadas de 1870 de 1880, os redatores do jornal “Gazeta de Campinas” – são bacharéis de direito, descendentes da elite cafeicultora, figuras proeminentes no mundo da política e cultura local e provincial; outros – os “mofineiros”, ou seja, os mentirosos como os chamavam os primeiros – são egressos do mundo do trabalho manual, de origem humilde, imigrantes portugueses ou não. Enquanto os primeiros são filiados ao PRP (Partido Republicano Paulista) os segundos, em sua grande maioria, são seus críticos.

A escola, o elemento primordial da civilização

No interior da guerra discursiva de símbolos, dos embates entre saberes e poderes (Foucault, 1986), engendrados por tais “livros do povo”, “livros da revolução”, os editores e os autores dos almanaque (re)inventam o lugar da escola, concebendo-a como o “elemento primordial da civilização”, sem o qual, “tal como a entende a sociedade destes tempos, [...] nem outro progresso é realmente possível”. (Campos Salles, 1870, p.75).

Neste sentido, tais sujeitos apostam, de uma maneira preponderante, na centralidade da importância da escola na vida nacional republicana, para a formação dos homens modernos, economicamente em sua utilidade máxima e politicamente dóceis. (Foucault, 1986).

Baseando-se nas experiências norte-americanas, suíças, belgas e inglesas, tais publicações questionam o sistema monárquico e apostam na instrução popular como baluarte do futuro da nacionalidade.

As imagens triunfantes da escola que produzem, trazem à tona os métodos educacionais propagados por Victorino de Feltro, Pestalozzi, Bell, Lancastre (ensino mútuo), e Froebel. Em suas ressignificações, o autor do “Almanach de Campinas para 1892”, Theophilo Barbosa, enfatiza que tais ideários pedagógicos modernos ampliam a visão de aluno (do ponto de vista físico, moral, intelectual, e estético), bem como apostam em propostas de ensino mais “alegres”, “longe das pancadas aterrorizadoras das palmatórias”. Ainda, parafraseando Montaigne, o articulista do citado almanaque afirma o seguinte:

³ Tal expressão benjaminiana foi reatualizada no Brasil através das reflexões de Willi Bolle, em sua obra *Fisiognomia da metrópole moderna. Representação da História em Benjamin*. (1994, p.387).

os pais não encontram por toda parte sinão professores rubros de cólera, deixando-se levar pela impetuosidade do seu gênio, pelo seu extraordinário mau humor: e não ouvirão os parentes sinão os gritos afflitivos de seus filhos, castigados deshumanamente com a palmatória.Não é este o modo de inspirar ás creanças o amor ao estudo: não será possível encaminhal-las de outra forma sinão á varada e á palmatoada? (Barbosa, 1892, p.57).

São, recorrentes, pois, nestas publicações, as representações da escola moderna como progressista, em oposição às existentes anteriormente ao avanço da modernidade, também nesta localidade. Numa destas imagens, tecidas por Vicente Melillo, no “Almanach de Campinas para 1912”, o autor articula nuances liberais, românticos (os quais aparecem, ainda, denotando alguns questionamentos ao avanço desta modernidade escolar) e positivistas. Vejamos:

Por este tempo, saudoso tempo, saudosos tempos, para os não poucos que inda se lembram, a meninada não precisava dessas mil e tantas bugigangas que hoje exigem os nossos grupos escolares. Nada de porta-lunch, ou bolsa a tiracollo, caixinhas para pennas ou tintas de aquarella: nada de agulhas e modelos para meninos bordarem; nada de compêndios, essa praga que tão fundo alcança as nossas algibeiras como embandurra o cofre dos livreiros. Nada de régua e compassos, tiralinhos ou esquadros [...]. A diferença é da terra para o céu, diria um poeta. Hoje a escola é uma festa, uma diversão, um paraíso. Dantes choravam as crianças para não irem á escola, hoje o maior castigo que podemos impor aos nossos filhos é impedil-los de a freqüentarem. E não é para admirar. Out'ora os meninos se acotovellavam em torno de uma meza, por baixo da qual trocavam-se pontapés e beliscões, enquanto o mestre de régua em punho e ao alcance dos marmelleiros trojejava ameaças terríveis que echoavam pela varanda esconsa. Hoje o scénario é outro: a escola é um palacete; a luz penetras a jorros das janelas rasgadas pelas salas; os mapas, as louzas, as carteiras. A meza do mestre com seu estrado, o piano, os cânticos que se ouvem em lugar do pranto e do estalar dos bolos, tudo isso impressiona o infante atestando aos nossos olhos o evento duma civilização nova de nobres ideaes, a proclamarem o futuro duma raça fadada a ocupar talvez o primeiro lugar na história da humanidade. (Melillo, 1912).

Leituras, “operações de caça”⁴

Diferentes das publicações contemporâneas, os almanaques campineiros oitocentistas e do início do século XX são concebidos como “livros”, com um número de páginas superior a cem. Além das propagandas comerciais, apresentam o calendário, seguido da parte administrativa (com a ordenação das figuras locais, através do critério “profissão” – o que na prática significava a exclusão de vários trabalhadores, dentre os quais os escravos, sobretudo nas décadas de 1870 e de 1880) e de

⁴ Certeau (1994, p. 259) refere-se à leitura como “operação de caça”, para enfatizar seu caráter ativo, capaz de trazer à tona práticas diversas.

volumosa parte literária, composta de contos amorosos, poemas e notícias sobre a cidade, a província, e, posteriormente, o estado de São Paulo. Seu objetivo fundamental é, justamente, divulgar as “novas” idéias, as “novas” sensibilidades, apresentadas como modernas, progressistas, civilizadas (ou, numa palavra, republicanas) a segmentos mais amplos da população.

A importância dessas publicações – muitas vezes oferecidas como prêmios aos clientes das livrarias da cidade e depositadas no lançamento das pedras fundamentais de estabelecimentos educacionais campineiros, no início da década de 1870 – dá-se exatamente pelo conteúdo e pela maneira através da qual eram lidas pela população, não só local, mas provincial / estadual (posteriormente) e nacional.

Publicação anual, o “Almanach do Correio de Campinas para 188” chega a ter uma tiragem de três mil exemplares, superando a vendagem dos livros de Machado de Assis, que apesar do sucesso de público e de crítica, não excedia quinhentos exemplares por edição. Há informações de que a edição do “Almanak para 1871”, vendeu mais de quatrocentos exemplares em apenas dois dias.

É muito comum, nesta época, a leitura dessas publicações, tanto nos serões familiares – quando o patriarca , no campo e na cidade, lia em voz alta este material literário para si e para os “outros”, – quanto em outras práticas individuais, estimuladas pelo intenso processo de escolarização, de raízes liberais, vivido em Campinas neste final de século e início do século XX.

Para se compreender a produção histórica do leitor individualizado, voltado para leituras extensivas, destinadas seja à instrução, seja ao entretenimento, é preciso trazer à tona outros fios desta trama de leitura : desde o crescimento do número dos “intermediários esquecidos da literatura” (Darnton, 1990), isto é, tipógrafos, encadernadores, livreiros, até a ampliação da escolarização, a organização de bibliotecas (dentre as quais o Gabinete de Leitura que funciona à base de aluguel de livros), a instalação de sociedades ditas culturais, voltadas para a música instrumental, dança, canto, letras (muitas das quais femininas), de jornais, bem como a abertura de novos empregos (com trabalhadores livres) na cidade e/ou no município. No interior destes “novos” contextos urbanos de leitura, isto é, nas bibliotecas, associações, escolas, aprofunda-se o projeto moderno – republicano ou não – de uma prática sócio-cultural ancorado na escrita. Estas “novas” bases institucionais de leitura convivem simultaneamente em Campinas, com práticas de narração de “causos” e histórias, realizadas no interior das residências e fora delas. A força da resistência cultural das práticas alicerçadas na oralidade, portanto, é fio que não se pode perder de vista na tessitura da rede de práticas de leitura, direta ou indiretamente, relacionadas aos almanaques campineiros.

Quanto à compra e venda dos almanaques campineiros, sobretudo nas décadas de 1870 e 1880, temos notícias da instalação da primeira loja na cidade especializada na mercadoria “livro” em 1876, através do jornal “Diário de Campinas”, o qual veicula a imagem da “Livraria Internacional” associada à de progresso, de elegância, de bom gosto, numa palavra de modernidade. Nela seu proprietário, o português Gaspar da Silva, oferece também a possibilidade do aluguel dos livros, no diálogo com tais tendências iluministas, modernas. É interessante registrar, igualmente, que numa destas livrarias da cidade, i. é, no “Ao Paraíso Terrestre”, como tentativa de atrair os clientes, conjugam

o oferecimento gratuito de práticas consideradas modernas, como os “choques elétricos ás pessoas que sofrerem de convulsões nervosas”, às práticas tradicionais, tais como a possibilidade das moças tirarem a sorte, por ocasião das festas de Santo Antônio!

Merece destaque o fato dos almanaque serem comercializados, antes da instalação das livrarias, nas próprias tipografias, ou em estabelecimentos comerciais, tais como “Santos & Irmãos” ou o “Gran Turco”. Nestes estabelecimentos são vendidos, juntamente com as ferragens, as tintas, os vidros, os sinos de bronze, a cera, o chá, o rapé, o algodão mineiro, a oleada para a massa – no que se refere ao primeiro – ou ao lado de fumos, cigarros, charutos, chapéus e “quinquilharias” – no que respeita ao segundo.

Quanto aos preços dos almanaque campineiros no período ora focalizado, são reajustados de 1\$000 a 2\$000 réis, a partir de 1873. Estas somas estão próximas às cobradas pelos editores dos almanaque da província/estado de São Paulo, ou de outras partes do mundo ocidental, neste momento. Tais valores correspondem em 1873, por exemplo, ao salário de um ou de meio dia de um operário de estrada de ferro, de Capivary, o qual recebe de R2\$000 a R2\$5000, “conforme o serviço”. Considerando-se a pesquisa dos preços dos jornais locais (variando de R10\$000 a R16\$000, por ano) e dos livros (entre R1\$000 e R4\$000), bem como o caráter anual do almanaque, seu custo pode se considerado mais acessível.

A utilização de uma linguagem considerada simples pelos próprios articulistas dos almanaque, a brevidade dos textos, o estilo epistolar adotado por alguns deles, facilita a aproximação com o universo da oralidade. Ao mesmo tempo, a recorrência a temas e visões do mundo do “outro”, agiliza ainda mais a universalização dos interesses modernos, republicanos, nos corações e nas mentes não só dos campineiros, mas dos brasileiros em geral.

Dentre os leitores explícitos dos almanaque campineiros, podemos citar, certamente, os seus autores – i.é, os jornalistas dos jornais locais, “Gazeta”, “Diário”, “O Constitucional”, “Correio de Campinas”, bacharéis de direito, comerciários, ou egressos do mundo das ferragens e da costura masculina, além das mulheres, dos jovens, em geral, iniciantes na república das letras – não só de Campinas, mas de outras localidades da província (ou do estado) de São Paulo, articuladas pelas ferrovias (Amparo, Casa Branca, Iguape, Itatiba, Itu, Mogi Mirim, Rio Claro, Santos, São Paulo, dentre outras) ou de outras províncias brasileiras (Pernambuco e Rio Grande do Sul).

Outras figuras, socialmente destacadas, podem ser tidas também como leitores dos almanaque; pelo menos é o que se pode concluir, considerando-se a sua distribuição (ou pelo menos, a sua tentativa de) para as seguintes personagens, das seguintes cidades brasileiras, citadas na notícia jornalística que vem a seguir:

O Correio e os “Almanachs Campinenses”

Ha mais de mez foram entregues ás agencias de Campinas 8 numeros deste Almanach, 7 para Ouro Preto; 2 para São João d’El Rei; 1 para Bom-Sucesso; 1 para a cidade de Turvo e 1 para a Oliveira e só chegaram á seus destinos 2 destinados á São João d’El Rei.

As pessoas á quem foram destinadas o Almanack são os seguintes senhores: dr.

Gervasio Pinto e Candido de Goés e Lara (S. João d 'El Rei); tenente-coronel João Antonio de Campos (S. José); tenente-coronel José Egydio da Silva Campos (Ouro Preto); professor Antonio Rodrigues de Mello (Turvo, cidade); vigario José Theodoro Brasilino (Oliveira). (Diário de Campinas, 1881, p.1).

Considerando-se a ampliação do número de escolas em Campinas nas décadas analisadas – aliada aos fatores já referidos, dentre os quais a organização de bibliotecas de sociedades ditas culturais, de jornais –, é possível captar a ampliação da distribuição social dos almanaque campineiros. Alunos dos cursos noturnos, mantidos, por exemplo, pela Loja Maçônica Independência, tais como, escravos, além de alfaiates, barbeiros, caixeiros, carpinteiros, marceneiros, padeiros, pintores, de diversas nacionalidades (tais como portugueses, alemães, italianos) podem ser incluídos entre seu público leitor.

Neste trabalho de Ariadne, por entre os labirintos discursivos dos almanaque focalizados, toco em fios da modernidade ressignificados por percepções outras. Isto é, embora todos tivessem o mesmo objetivo – divulgar o ideário moderno republicano, de maneira a não produzir rupturas no sistema capitalista de produção – uma “*leitura a contrapelo*” (Benjamin, 1986) nos permite captar diferenças sutis existentes entre eles. Diferenças no que se refere aos conceitos de modernidade, de republicanismo, bem como no que respeita às práticas de leitura que deram origem. Diferenças que acenam para maior ou menor comprometimento com os ditames do Partido Republicano Paulista. Especificidades que possibilitam a leitura dos ideais liberais, românticos, em termos enquadradores e/ou libertários, isto é, questionadores do próprio sistema vigente. Em 1878, por exemplo, há uma alteração visível na própria estrutura destas publicações, surgindo os almanaque “populares” de Campinas. Eles incorporam, na parte literária, anedota, provérbios, charadas, e os artigos passaram a ser mais curtos. Ao mesmo tempo, além dos intelectuais já consagrados na esfera local – ou seja, os jornalistas já citados – passam a fazer parte do elenco dos autores destes almanaque “populares”, jovens estudantes e mulheres iniciantes no mundo das letras.

Assim, através de suas vozes é possível nos aproximarmos de outros desejos, de outras visões de modernidade e de republicanismo. É o caso da poetisa fluminense Narcisa Amália, que se apóia nas idéias republicanas, modernas, como busca de liberação de uma condição de mulher, a qual lhe vedava o direito pleno à profissão das letras. É o caso do poeta negro Jovino Taquarembó (talvez pseudônimo), que denuncia as implicações mercantilizadoras, desumanizantes da modernidade capitalista. É o caso, por sua vez, do jornalista campineiro, comerciário, de origem humilde, filiado ao PRP, Hypolito da Silva, concebendo a educação moderna como o “farol capaz de ofuscar os morcegos que sugam o sangue do povo, explorando-lhe a ingenuidade e especulando com sua ignorância”. (1879, p.20).

A pesquisa dos jornais locais nos conduz, ao mesmo tempo, até práticas de leitura dos ideais modernos, republicanos com forte teor emancipatório. São leituras de escravos, de mulheres livres, formuladas no contato direto com os almanaque ou com outros textos, escritos ou não. Refiro-me à escritora campineira, autora de romances de folhetim, publicados no jornal “Diario de Campinas”, nos anos 1877, 1878 e 1883. Em seu texto “Rosa Mineira” a autora sob o pseudônimo de “Braziliana” atribui

à “civilização”, à modernidade, a destruição da personagem principal, da “pobre menina quasi selvagem, a quem a civilização tornou desgraçada”. (1877, p.1). Em editorial da *Gazeta de Campinas*, no ano de 1882, podemos nos aproximar de notícia originalmente divulgada pelo jornal “*Correio Paulistano*”, no sentido de que os escravos da fazenda do Castello, município de Campinas, depois de atacarem o feitor e sua família deixam a propriedade dando “vivaz á republica”. O objetivo deste artigo — provavelmente do diretor e proprietário deste jornal, i. é de Carlos Ferreira, — além de negar a exatidão do informe é desvincular a suposta ocorrência da atuação do PRP. Ou melhor, o que o autor almeja com esta publicação é desautorizar outras leituras do republicanismo, leituras estas capazes de abalar as imagens de ordem e de paz, relativamente ao ideal republicano. Aliás, chama ele a atenção do leitor, no que se refere a tal questão, para a necessidade de: “estar (em) todos identificados pela mais perfeita communhão de vistos e de sentimentos” (sic). (*Gazeta de Campinas*, 1882, p.1).

De qualquer forma, apesar do protesto do “gazeteiro”, fica o registro de outras leituras, criativas, divergentes do ideário republicano, defendido pela cúpula do PRP. e reproduzido, em grande parte das vezes, nas páginas dos almanaque campineiros.

Portanto, no que diz respeito a estes almanaque a imagem que permanece na retina

não é a do retrato imóvel da sociedade campineira da época. A imagem que fica é a do filme, capaz de possibilitar o acompanhamento das centelhas, dos embates simbólicos, inscritos na própria tessitura destas publicações, neste momento de avanço do capitalismo na localidade e no país.

Algumas sensibilidades humorísticas

Atentemos, finalmente, para alguns lances humorísticos, presentes em anedotas, curiosidades, epigramas, pequenos contos, e poemas dos almanaque focalizados. Constituem imagens privilegiadas das condições de possibilidade, das vivências e sociabilidades cotidianas, não só campineiras, mas brasileiras, neste final de século XIX e início do século XX.

É bem verdade que um conjunto numericamente expressivo de textos cômicos revela a incorporação de padrões classistas, liberais, intimamente articulados às concepções de modernidade, assumidas pelos republicanos. Reporto-me à visão de racionalidade como sinônimo de adequação às regras, de moderação:

Podia ser avô
Foi um velho a uma igreja para casar-se com uma menina de 16 annos. O padre estava distraído e não fazia caso delle.
— Sr. padre, diz o velhote: estou esperando.
— Approxime-se da pia que eu já vou, volveu o padre.
— Não percebe; eu o que venho é casar-me, sr. padre.
— Ah! desculpe; eu cuidei que vinha baptisar sua neta. (Silva, 1878, p.56).

Modere-se! Enquadre-se aos ditames sociais! Evite os excessos! Tal é a sugestão subjacente à tessitura humorística aqui delineada.

Mas, ao mesmo tempo, neste emaranhado multifário de produções cômicas, existem outros registros. Registros que lançam mão da ironia romântica para demolir os padrões filisteus do mundo burguês. Registros humorísticos, marcados pela perplexidade perante a mercantilização das relações amorosas. Grande parte deles diz respeito à mulher. Por fixarem-se demasiadamente na figura feminina, colocando quase sempre de lado o homem, não deixam de evidenciar um ranço preconceituoso em relação a tal figura.

O marido
Perguntara uma galante menina:
— Mamã, que é um homem?
— É um ser que tem muitas applicações — respondeu a mãe — porém de todas ellas a melhor é a de marido.
— E o que é um marido?
— Uma especie de cofre aberto para pagar os trajos, as joias, e todos esses mil objectos de que tanto carecem as mulheres.
— Ai, mamã! eu quero um marido.
— Filha, por desgraça vai perdendo-se a especie. (Silva, 1878, p.13).

Finalmente, são imperdíveis passagens cômicas como a seguinte:

Resposta aguda de um criado
Certo fidalgo havia tomado um criado de camara com a condição de se não embriagar nos mesmos dias que elle. Uma manhã, acabando de se vestir lhe disse o amo:
— Eu estimava-te porque é fiel e zeloso, e me serves bem; porém vejo-me obrigado a despedir-te.
— E porque, senhor?
— Porque apesar do nosso ajuste tu te tens embriagado nos mesmos dias que eu.
— E é isso culpa minha, senhor? Se Vós vos embriagas todos os dias?

O fidalgo não achou replica a este argumento e conservou o seu criado. (Silva, 1878, p.53).

Pelo menos nos momentos efêmeros, a comicidade focalizada permite ao leitor livrarse — pela irreverência — das autoridades e dos gestos incômodos. Possibilita-lhe recuperar a sensação de pertencimento cultural, a sensação de que faz parte da integridade inacabada da existência cotidiana.

O almanaque, a oficina da vida

É possível registrar-se — numa tentativa de abrir brechas de sentidos, muito mais do que apresentar a palavra final sobre o presente tema — que para os historiadores preocupados em

compreender historicamente o engendramento da educação moderna das sensibilidades, das práticas sociais, os almaniques são uma fonte privilegiada, uma porta de entrada para universos culturais muito distantes e, ao mesmo tempo, muito próximos. Possibilitam tecer redes simbólicas perdidas, ou ainda, ouvir as pessoas “conversando”, em épocas em que a maioria não sabia escrever. Isto é, permitem ouvir as vozes do texto escrito, invocando também a oralidade que está além da alfabetização. Pois o almanaque é um também um outro lingüístico, capaz de alimentar o imaginário inventivo daqueles que sabiam ler e, ao mesmo tempo, daqueles que só sabiam ouvir. É aquele que, nas palavras de Machado de Assis, “traz a língua das cidades e dos campos (.....); o tempo os imprime. Esperança os brocha. É toda a oficina da vida”!

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Theophilo. Através da instrução. In: CARDONA, Francisco; ROCHA, José (org.). **Almanach de Campinas (Litterario e Estatístico)**. Campinas, SP: Typografia Cardona, 1892. Primeiro Ano, p.57.
- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo; Melhoramentos, 1971.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Obras escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1988
- _____. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, Henri. **Le rire**. Paris: Puf, 1978.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires au XVIIe e XVIIIe siècles**. Paris: Mouton, LaHaye, 1969.
- BRESCIANI, M. Stella M. Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.8, n.9, p. 35-68, set. 1984 / abr. 1985.
- CAMPOS SALLES. A instrução em Campinas. In: LISBOA, José Maria (Org.). **Almanak de Campinas para 1871**. Campinas, SP: Typografia da Gazeta, 1870. p.75.
- CARVALHO, Marta. M. Chagas. **Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Pratiques de la lecture**. Paris: Rivages, 1985.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DIÁRIO DE CAMPINAS. O Correio e ao almanachs campinenses. 3 mar. 1881. Notícias, p.1.
- _____. Rosa Mineira, 22 maio 1877. Folhetim, p.1.
- FERREIRA, Carlos; SILVA, Hélio da. **Almanach popular de Campinas para o anno de 1879**. Campinas, SP: Typografia da Gazeta de Campinas, 1879.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

- GALZER ANI, Maria Carolina Bovério. **O almanach, a locomotiva da cidade moderna**: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Campinas, SP: Ed. Unicamp (no prelo).
- GALVÃO, Walnice Nogueira; PRADO JÚNIOR, Bento (coord.). **Almanaque, cadernos de literatura e ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1977. Almanach Enciclopédico de Lisboa. v.14, p.69
- GAZETA DE CAMPINAS. Um protesto. p.1, 5 nov. 1882
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- GOSSELIN, Ronald. **Les almanachs républicains: traditinos révolutionnaires et culture politique des masses populaires de Paris-1840-1851**. Paris: Edit l'Hamittan Sainte Foy, Canadá Presses de l'Université Laval, 1993.
- LE GOFF, Jacques. Memória / História, Documento / Monumento. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. **Encyclopédia Einaudi**, V. 1.
- MELILLO, Vicente. A instrução em Campinas. In: OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (Org.). **Almanach Historico e Estatístico de Campinas**. Campinas, SP: Casa Mascote, 1912. p.75, 83-84.
- NOTÍCIAS. O correio e os almanachs campinenses. **Diário de Campinas**, Campinas, p.1, 3 mar. 1881.
- ROSA MINEIRA. Diário de Campinas, Campinas, SP, 22 maio de 1877. (Folhetim, p.1)
- SALIBA, Elias Tomé. A dimensão cômica da vida privada. Testemunhos da Belle Époque. **Rev. de Cultura Vozes**, Petrópolis, RJ, ano 87, n.90, jan./fev, 1993.
- _____. A dimensão cômica da vida privada na República. In: NOVAES, Fernando (coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v.3, p. 290-365.
- SANTOS, Francisco Quirino. O almanak. **Gazeta de Campinas**, Campinas, p.1, 23 out. 1870.
- SHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, M. Stella M. (org.). **Imagens da cidade**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH / FAPESP, 1994. p. 147-162.
- SILVA, Herculano da. **Almanach popular para o anno de 1878**. Campinas: Typ. da Gazeta, 1878.
- SILVA, Herculano da; FERREIRA, Carlos. **Almanach popular para o anno de 1879**. Campinas, SP: Typografia da Gazeta, 1879.